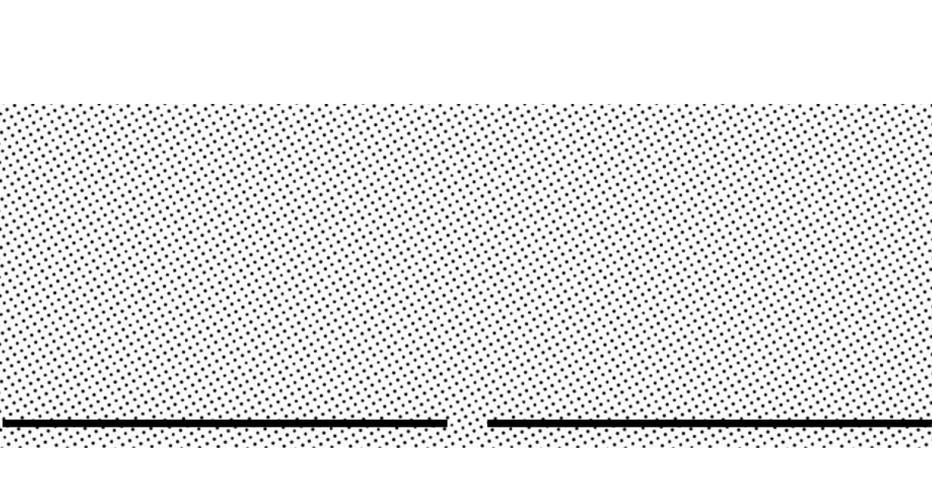


JUSTICE 22 NOW

MEMOIRS

A EUROPA: É SÓ UM ARQUIPÉLAGO?

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO E MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO



O sentido de comunidade que fundou a Europa pós-Segunda Guerra Mundial foi uma aspiração de união de muitas Europas, expresso na capacidade de transformar uma memória de guerra em futuro de paz. Estávamos numa época em que o tempo europeu era ainda o tempo universal, ainda que já vulnerável à nova hegemonia saída da Segunda Guerra Mundial e que iria ser protagonizada pelos Estados Unidos e pela antiga União Soviética, no quadro da Guerra Fria. A crise do Canal de Suez deixaria visível o fim da Europa, e da Inglaterra em particular, como potência mundial, e a clara manifestação de uma vontade árabe de não mais ser subalternizada, como definia Nasser, no discurso de Alexandria, de 1956, e que, depois da revolução pela independência do Egipto (1952), se condensaria na Guerra da Argélia (1954-1962), para onde convergiu todo o ideário pan-arabista e anti-colonial em demanda de emancipação. A Guerra da Argélia era não apenas uma guerra entre a colónia e a metrópole, a França, mas sobretudo uma das iniciais interações contemporâneas do mundo árabe ao Ocidente. Nesta lógica, e como hoje nos é possível ver, também as Guerras Coloniais portuguesas não foram apenas a expressão da obsessão cega de um ditador em manter as colónias contra uma vontade de libertação e independência dos povos, mas também uma das grandes interpelações de um continente, África, pela libertação total num processo que se finaliza com a libertação de Nelson Mandela e o fim do regime do Apartheid na África do Sul.

Hoje é-nos possível olhar para estas guerras, inconfessadas e inconfessáveis, como algo de mais amplo que guerras de configuração anacrónica entre metrópole e colónia, da mesma forma que nos é possível olhar para o processo da construção europeia – que é simultaneamente o processo da sua reconstrução – como a operação de construção da paz de maior sucesso pós-Segunda Guerra Mundial. E por isso, a construção da Comunidade Europeia foi também a resposta subtil à perda da hegemonia mundial, que não se reduzia apenas ao avanço dos Estados Unidos e da União Soviética na cena mundial, mas à perda de uma hegemonia que tinha sido, durante séculos, planetária.

O processo de descolonização do Sul Global, primeiro da Ásia e depois da África marcou o início da sociedade industrial moderna, tanto para aqueles que a ela resistiram, nomeadamente encetando guerras

de libertação, e para aqueles que se renderam, como movimentos cívicos clamando pelo reconhecimento da pluralidade de histórias. A ideia por vezes fantasiosa ou fantasmática de retorno à África colonial e sobretudo pré-colonial que ambicionam não tem nada a ver com o retorno à autenticidade. Prende-se antes com a procura de outras linguagens narrativas em que outros contavam a história dos países dos seus pais, narrativas que lhes possibilitem elaborar discursos de identidade e de pertença alternativos. As memórias transterritoriais e transnacionais que transportam em si, os objetos que povoam as nossas casas e, que povoam muitos museus e departamentos científicos europeus, contam uma história que não se resume à história que sobre eles é contada. Como construir um futuro europeu num mundo globalizado mas dividido por vários governos com escalas e influências dispersas em que histórias comuns geraram memórias tão diferentes?

Acontecimentos recentes parecem mostrar, numa primeira leitura, que a Europa está em discussão, pronta a também ela vestir um colete salva vidas como os de tantos emigrantes que tentam alcançar os seus portos: uns para literalmente salvar a vida, outros para salvar a alma. Os atentados que deixaram a França em trauma, os refugiados que chegam aos portos europeus, as manifestações de populações islâmicas, a insatisfação reinante nas ruas com agendas diversas e politicamente inconsistentes, os acontecimentos nos arredores das grandes cidades, envolvendo populações etnicamente ou religiosamente marcadas, o avanço de grupos de extrema direita, as propostas de construção de muros identitários interrogam a Europa no seu quotidiano e na sua essência. Hoje o futuro da Europa traça-se algures entre ela e um mundo não ocidental. O desafio é bem maior do que o longo debate sobre o “declínio do Ocidente” sugere ou que a adjetivação da crise europeia emanada dos organismos europeus preconiza. A crise é narrativa, semântica e aural. Que história vai a Europa contar às gerações futuras nos seus livros, nos seus manuais, nos seus museus? Quem tem o poder de contar a história? Neste mundo de incerteza, numa Europa sem norte e recusando o Sul, que instrumentos tem para lidar com o futuro? Mas na verdade o Sul como o Oriente já está dentro dela edificando-a como uma potência geradora, ainda sem forma, é certo, mas plena de energia e construindo outras figurações culturais a que a perenidade da espécie humana deveria acolher escutando, olhando isto que emerge ainda sem nome, entre um legado e um futuro. Be the legacy é a frase de Nelson Mandela dirigida às gerações futuras e agora lembrada por todos nós nas comemorações dos 100 anos do seu nascimento. É disto que hoje temos sinais e manifestações.

coloniais, como para aqueles que por ela lutaram.

Na Europa, a partir dos anos 60, os fluxos de população com experiência de vida colonial – retornados, *pied noir*, repatriados, africanos, magrebinos, asiáticos, caribeanos – traziam em si um misto de encoberto, novidade, exotismo, fuga, repatriamento, migração, memórias dispersas. A sua presença assinalava a transição da Europa como continente colonizador para uma Europa pós-colonial, dificilmente descolonizada das suas colónias e das imagens de ex-colonizador, ex-colonizado, apesar das utopias de libertação que marcavam este momento histórico global. Na verdade, estes movimentos populacionais traziam para a Europa uma história europeia que não coincidia com os seus limites territoriais e sentimentais literais. Nestes movimentos estava contida uma história que excedeu a Europa e que simultaneamente lhe deu sentido e posição mundial durante séculos, uma história que projetou a Europa noutros territórios, noutras línguas, noutras culturas, transformando e gerando outras idendidades e outros patrimónios que, ao mesmo tempo que “reapresentam”/ “provincializam” a Europa noutras paragens, a interrogavam e dela se emancipavam. Quando vista do exterior, esta é a história da pulsão imperialista que define a Europa como o Ocidente, por oposição ao Oriente, ao Islão. A história que geopoliticamente estrutura a Europa, lhe dá sentido e que a projetou a nível planetário, mas que raramente a Europa reconhece como sua. Às realidades pós-coloniais europeias, que estas pessoas, as suas histórias e os seus movimentos representavam, foram sendo dadas soluções de matriz colonial, transpondo-se assim para território europeu situações de subalternidade social, política, racial e urbana, gerando fenómenos de integração mal resolvidos, provocando sentimentos de auséncia, silenciamento, esquecimento, abandono, nostalgias, ressentimento.

Hoje os filhos e netos destas histórias, os líderes dos países saídos das descolonizações e as gerações seguintes, bem como muitos cidadãos não ocidentais a viver no Ocidente lançam e colocam a pergunta a partir de outros lugares de enunciação: interrogam as histórias contadas na casa europeia e as histórias ocultadas, herdam objetos de territórios e vidas anteriores, interrogam narrativas museológicas cujas coleções evocam fantasmas da empresa colonial, revisitam arquivos oficiais e familiares, manifestam-se contra a toponímia das cidades europeias, empenham-se

em movimentos cívicos clamando pelo reconhecimento da pluralidade de histórias. A ideia por vezes fantasiosa ou fantasmática de retorno à África colonial e sobretudo pré-colonial que ambicionam não tem nada a ver com o retorno à autenticidade. Prende-se antes com a procura de outras linguagens narrativas em que outros contavam a história dos países dos seus pais, narrativas que lhes possibilitem elaborar discursos de identidade e de pertença alternativos. As memórias transterritoriais e transnacionais que transportam em si, os objetos que povoam as nossas casas e, que povoam muitos museus e departamentos científicos europeus, contam uma história que não se resume à história que sobre eles é contada. Como construir um futuro europeu num mundo globalizado mas dividido por vários governos com escalas e influências dispersas em que histórias comuns geraram memórias tão diferentes?

Acontecimentos recentes parecem mostrar, numa primeira leitura, que a Europa está em discussão, pronta a também ela vestir um colete salva vidas como os de tantos emigrantes que tentam alcançar os seus portos: uns para literalmente salvar a vida, outros para salvar a alma. Os atentados que deixaram a França em trauma, os refugiados que chegam aos portos europeus, as manifestações de populações islâmicas, a insatisfação reinante nas ruas com agendas diversas e politicamente inconsistentes, os acontecimentos nos arredores das grandes cidades, envolvendo populações etnicamente ou religiosamente marcadas, o avanço de grupos de extrema direita, as propostas de construção de muros identitários interrogam a Europa no seu quotidiano e na sua essência. Hoje o futuro da Europa traça-se algures entre ela e um mundo não ocidental. O desafio é bem maior do que o longo debate sobre o “declínio do Ocidente” sugere ou que a adjetivação da crise europeia emanada dos organismos europeus preconiza. A crise é narrativa, semântica e aural. Que história vai a Europa contar às gerações futuras nos seus livros, nos seus manuais, nos seus museus? Quem tem o poder de contar a história? Neste mundo de incerteza, numa Europa sem norte e recusando o Sul, que instrumentos tem para lidar com o futuro? Mas na verdade o Sul como o Oriente já está dentro dela edificando-a como uma potência geradora, ainda sem forma, é certo, mas plena de energia e construindo outras figurações culturais a que a perenidade da espécie humana deveria acolher escutando, olhando isto que emerge ainda sem nome, entre um legado e um futuro. Be the legacy é a frase de Nelson Mandela dirigida às gerações futuras e agora lembrada por todos nós nas comemorações dos 100 anos do seu nascimento. É disto que hoje temos sinais e manifestações.

SEJAM OS NOSSOS HERDEIROS!

Três obras de teatro, *Isabella’s Room*, da Needcompany (Bruxelas) apresentada recentemente no Festival de Teatro de Almada, *Filhos do Retorno*, do Teatro do Vestido, no Teatro Nacional D. Maria II e *Banataba*, de Faustin Linyekula, apresentado em Maio, no Royal Museum for Central Africa, em Terverun, no âmbito do Kunstenfestivaldesarts de 2018, ensaiam interrogações e possibilidades narrativas a partir de objetos africanos e histórias esquecidas na casa Europa e no Ocidente.

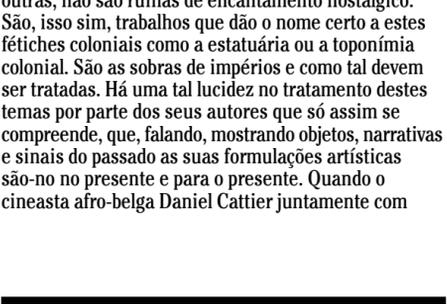
Isabella’s Room é uma tragicomédia que coloca no centro da narrativa a herança paterna de Jan Lauwers, o encenador: um acervo arqueológico de objetos africanos, que preenchem o quarto de Isabella Morandi. Isabella está idosa e cega e através da sua memória acedemos a uma conturbada história de família baseada na mentira e na ilusão, que se entrelaça com a história europeia do século XX: as duas Grandes Guerras, o colonialismo europeu em África, Hiroshima, o modernismo e ascensão da extrema direita na Europa. *Filhos do Retorno*, com encenação de Joana Craveiro, recupera uma série de objetos, histórias e mitologias da geração dos retornados,

reinterrogados a partir dos seus filhos, ou seja, das gerações seguintes que recusando colocar um ponto final na história, reencenam os dias acriticamente felizes dos seus pais nas antigas colónias para acabar, como o império, agregados numa nostalgia de imagens e histórias de espaços cuja existência se perdeu no tempo e de que se sentem herdeiros. Faustin Linyekula situa o seu espetáculo no exterior de Terverun, o museu europeu com a maior coleção de objetos da África Central, que há cinco anos executa trabalhos de renovação com o objetivo de dar uma visão contemporânea e descolonizada de África num edifício europeu concebido para alojar um museu colonial. A partir de uma pequena estátua da etnia Lengola, a etnia da sua mãe, que encontra nos armazéns do Metropolitan Museum de Nova York, Faustin Linyekula encena uma viagem de retorno ao seu Congo natal na procura das narrativas emudecidas deste objeto. A questão subjacente é eminentemente política e ética: como veio este objeto parar ao museu nova iorquino? Como pode o protagonista e o seu país *reconstruir-se* quando partes de si se encontram mudas, espalhadas pelos museus, as casas e as galerias europeias? Ao contrário do romantismo e da estética que gerou de apologia da ruína, o que temos nestas obras, bem como em muitas outras, não são ruínas de encantamento nostálgico. São, isso sim, trabalhos que dão o nome certo a estes fétiches coloniais como a estatuária ou a toponímia colonial. São as sobras de impérios e como tal devem ser tratadas. Há uma tal lucidez no tratamento destes temas por parte dos seus autores que só assim se compreende, que, falando, mostrando objetos, narrativas e sinais do passado as suas formulações artísticas são-no no presente e para o presente. Quando o cineasta afro-belga Daniel Cattier juntamente com

Juan Gélas e Fanny Glissant realizam a série *Les routes de l’esclavage* não produzem um filme sobre o passado histórico, mas sim um documentário concebido a partir das fontes mais atuais para sabermos gerir o presente resgatando essa narrativa mil vezes ocultada sobre a escravatura. Do mesmo modo o diz a atriz Zia Soares quando afirma que o Teatro Griot é uma companhia inegavelmente contemporânea, “uma companhia de actores, actores negros – o corpo como signo tangível traz à discussão a descolonização do imaginário coletivo, da linguagem, das artes e num sentido mais lato uma descolonização epistemológica e historiográfica. O que o Teatro GRIOT leva a palco não pode deixar de ser um reflexo muito concreto e visível desse movimento no contexto socio-político contemporâneo”. Muitas das obras que constituem os antecedentes do cânone panafricanista eram necessariamente focadas no carácter de denúncia dos colonialismos; atitude e forma que eram então urgentes, assumem hoje nas gerações afro-europeias, não exclusivamente negras ou mestiças, uma dimensão de contra-narrativa mais produtiva na medida em que impõe outra visão das relações coloniais do passado e ensaia paradigmas mais produtivos e mais conformes a se oporem às múltiplas tentativas de imposição de uma história única. Nesta perspetiva um dos grandes exemplos é o filme de Hugo Vieira da Silva, “Posto avançado de progresso” (2016) que expõe o colonialismo como tendo sido um *huis clos* na imensidão da floresta africana, ou o trabalho do ator, encenador e professor de ciência política flamengo de origem tunisina Chokri Ben Chika quando responde à questão que ele próprio formulou – “Qual o valor crítico do uso dos esteriótipos na linguagem teatral?” – com a peça Human Zoo combinando múltiplas formas e uma interacção entre investigação, para pensar a arte de um

modo crítico e um modo crítico, que seja performativo, acabando por criar a companhia Action Zoo Humain. Essa é a sua resposta ao colonialismo atual do mundo do espetáculo. Será cedo ainda para o confirmar, mas o melhor da Europa em potência é o facto cultural que toma o Afropeísmo – a conjugação das múltiplas identidades em formação, híbridas com certeza – inomináveis como já dissemos. O Afropeísmo, ao contrário de outras propostas ideológicas de exclusão, é uma situação de facto, uma interculturalidade presente onde memórias diferentes com expressões e impactos diferentes no mesmo ou em múltiplos sujeitos desafiam-nos para uma escolha inadiável: vamos construir ou destruir muros? Ao ler *Debaixo da nossa pele*, de Joaquim Arena, um euro-africano que narra a história da sua vida tecida na história de Cabo Verde e de Portugal com as suas misérias e as suas criações individuais e coletivas, não nos restam dúvidas.

MIAGI & NELSON
(1) ‘Be the legacy’ / Mandela centenary / Miagi & Nelson
Mandela FoundationMIAGI & http:// www.miagi.co.za/%27Be%20the%20Legacy%27%20%20Mandela%20Centenary%20%20MIAGI%20 %26%20Nelson%20Mandela%20Foundation



Pedro Valdez Cardoso, Vai tudo correr bem., 2015. Cortesia do artista